

ANTROPO LOGIA:

*Visão crítica da
realidade sociocultural*

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Pedro Márcio Pinto de Oliveira
(Organizadores)



ANTROPO LOGIA:

*Visão crítica da
realidade sociocultural*

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Pedro Márcio Pinto de Oliveira
(Organizadores)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Antropologia: visão crítica da realidade sociocultural

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Pedro Márcio Pinto de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A636 Antropologia: visão crítica da realidade sociocultural / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Pedro Márcio Pinto de Oliveira. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-463-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.631210809>

1. Antropologia. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Oliveira, Pedro Márcio Pinto de (Organizador). IV. Título. CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Caros leitores, saudação.

Esse novo cenário social incentiva-nos a (re) visitar determinados paradigmas da ciência e da educação face a crise científica que abre muitos debates no eixo temático das diferenças. Dado o debate atual sobre as transformações sociais e a percepção de que há uma ênfase cada vez maior no centro cultural como base para a análise deste momento histórico, a antropologia torna-se imprescindível na medida em que contribui para o debate sobre a contradição da função social na modernidade. A escola caracterizada pela preocupação de uma resposta rápida às demandas dos diversos setores e obcecada pela acumulação de capital, e pela educação dos cidadãos para se integrarem criticamente à vida pública como meio de contribuir para a transformação das desigualdades nessa sociedade democrática. (OLIVEIRA, 2017). À luz dessa primeira reflexão, o livro: - “Antropologia: Visão crítica da realidade sociocultural” é uma contribuição dialógica que que ancora trabalhos realizados em contextos diversos, dentro e fora do Brasil. Trabalhos esses, que utilizam a lupa da antropologia para discutir de forma crítica sobre temas que atravessam a realidade sociocultural de seus contextos. Essa rica discussão vocês leitores poderão contemplar, nos nove textos que compõem esta obra. Com isso, desejamos a tod@s excelentes leituras e reflexões.

Marcelo Máximo Purificação

Elisângela Maura Catarino

Pedro Márcio Pinto de Oliveira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A INCLUSÃO ESCOLAR VOLTADA PARA CRIANÇAS E JOVENS DIAGNOSTICADOS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Rodrigo Regert

Carine Alves dos Santos

Genecis Perachi da Silva

Joel Haroldo Baade

Arã Paraguassú Ribeiro

Adelcio Machado dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108091>

CAPÍTULO 2..... 6

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL: RACISMO

Regina Maria Teles Coutinho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108092>

CAPÍTULO 3..... 14

ANTHONY GIDDENS E REINHART KOSELLECK: A TRANSIÇÃO PARA A MODERNIDADE EXPERIMENTADA ATRAVÉS DA RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL

Julia Martins Tiveron

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108093>

CAPÍTULO 4..... 24

CONDIÇÕES DE VIDA E SAÚDE EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO PANTANAL MATO-GROSSENSE (MT, BRASIL)

Sueli Pereira Castro

Mariel Maróstica Fernandes

Nayara Marcelly Ferreira

Natalia Oliveira Defende

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108094>

CAPÍTULO 5..... 40

PENSAMIENTO EMOCIONAL Y PANDEMIA. CRECIENDO DE CORAZÓN Y MIRANDO HACIA LA TRANSFORMACIÓN

Esperanza Meseguer Navarro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108095>

CAPÍTULO 6..... 44

ESPAÇOS SUBALTERNOS E IMAGINÁRIOS DIASPÓRICOS NO CAIS DO VALONGO

João Gabriel Rabello Sodré

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108096>

CAPÍTULO 7	73
UMA ANÁLISE DO HABITUS DA CLASSE CAPITALISTA Manoella Treis  https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108097	
CAPÍTULO 8	82
QUEM TEM MEDO DO INUMANO? AS REPRESENTAÇÕES DE HUMANIDADE E ANIMALIDADE NA LITERATURA DE FRANZ KAFKA Camila Giesz Bortolin Maria Suely Kofes  https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108098	
CAPÍTULO 9	102
<i>MIRAÇÃO</i> : EXPERIÊNCIA, MAGIA E ESCRITA SOBRE O TRANSE AYAHUASQUEIRO DE XAMÃS URBANOS Carolina de Camargo Abreu  https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108099	
SOBRE OS ORGANIZADORES	119
ÍNDICE REMISSIVO	121

CAPÍTULO 8

QUEM TEM MEDO DO INUMANO? AS REPRESENTAÇÕES DE HUMANIDADE E ANIMALIDADE NA LITERATURA DE FRANZ KAFKA

Data de aceite: 01/09/2021

Data de submissão: 01/08/2021

Camila Giesz Bortolin

Universidade Estadual de Campinas
Campinas - SP

<http://lattes.cnpq.br/2003406481087539>

Maria Suely Kofes

Universidade Estadual de Campinas
Campinas - SP

<http://lattes.cnpq.br/4348192902683537>

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo explorar alguns dos possíveis desdobramentos da dicotomia entre humanidade e animalidade, particularmente, aquelas concepções relativas às relações entre humano, animal e inumano. Para tanto, foi realizada uma experimentação antropológica na literatura de Franz Kafka, principalmente em obras como *A Metamorfose* e *Um Relatório para uma Academia*, as quais são boas para pensar e tensionar os dualismos Natureza e Cultura/ Humanidade e Animalidade. Em um primeiro momento, a experimentação baseou-se na perspectiva geertziana de cultura como texto, com vistas a analisar códigos culturais na linguagem literária acerca das distinções ocidentais de animalidade/humanidade, como se a literatura representasse a cosmologia subjacente a tais distinções, se oferecendo como um lugar privilegiado de acesso a ela. Mas, posteriormente, sofre uma torção ao questionar a noção de arte enquanto materialização de um

pensamento e inicia diálogos com Tim Ingold e Viveiros de Castro, introduzindo a perspectiva de antropologia enquanto vida e explorando o conceito de metamorfose a partir dos diferentes pontos de vista das personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Humanidade e animalidade, Literatura, Franz Kafka.

WHO IS AFRAID OF THE INHUMAN? REPRESENTATIONS OF HUMANITY AND ANIMALITY IN FRANZ KAFKA'S LITERATURE

ABSTRACT: The present paper aims to explore some of the possible consequences of the dichotomy between humanity and animality, particularly those concepts related to the relationship between human, animal and non-human. Therefore, an anthropological experiment was carried out in Franz Kafka's literature, mainly in works such as *The Metamorphosis* and *A Report for an Academy*, which are good for thinking about and stressing the dualisms of Nature and Culture/Humanity and Animality. At first, the experimentation was based on the Geertzian perspective of culture as a text, with a view to analyzing cultural codes in literary language about Western distinctions of animality/humanity, as if literature represented the cosmology underlying such distinctions, offering itself as a privileged place of access to it. But, later, it suffers a twist when it questions the notion of art as the materialization of a thought and starts dialogues with Tim Ingold and Viveiros de Castro, introducing the perspective of anthropology as life and exploring the concept of metamorphosis from the different points of view of the characters.

KEYWORDS: Humanity and Animality, Literature, Franz Kafka.

1 | INTRODUÇÃO

“Como entrar na obra de Kafka? Trata-se de um rizoma, de uma toca (...). O princípio das entradas múltiplas impede somente a introdução do inimigo, o Significante, e as tentativas para interpretar uma obra que na verdade se propõe apenas à experimentação.” Guilles Deleuze e Félix Guattari (1977: 7)

Imagine-se o leitor, ou a leitora, frente a um livro de literatura ao qual se propôs empreender uma experimentação antropológica com vistas a explorar questões acerca do tema de humanidade e animalidade. O tal livro consiste em *A Metamorfose*, de Franz Kafka, ilustre escritor tcheco do século XX, cuja vida e obra foi exaustivamente analisada e descrita por críticos literários, filósofos, sociólogos, psicanalistas, biógrafos e, agora, é também alvo de uma pesquisa antropológica. Assim, sente-se que estar frente a este livro é também confrontar-se com um excesso de palavras a respeito de seu autor e de seu universo, o que poderia levar ao questionamento: afinal de contas, algo de novo ainda pode ser dito sobre Kafka? (Löwy, 2005: 7).

Aparentemente, há sempre motivos para aumentar a quantidade de palavras relacionadas a ele, a suas obras e sua vida. É curioso, então, dar-se conta após percorrer algumas das linhas que se compõe destas palavras, de que Franz Kafka não havia demonstrado pretensões de ser alguém famoso e, além disso, queria que todos seus escritos fossem destruídos após sua morte, sendo que ele mesmo já o teria feito durante sua vida com poesias datadas de antes de 1912 (Wagenbach, 1958: 9). Mais curioso ainda é perceber que isso poderia ter realmente acontecido por meio das mãos do regime nazista, que varreu a cultura judaica da Europa do século XX e foi responsável pelo assassinato de seus familiares, caso seu melhor amigo Max Brod – para quem, aliás, confiou suas obras junto com o pedido de destruí-las – não as tivesse levado para Israel e empreendido esforços para traduzi-las e publicá-las.

Deste modo, começa-se a encarar o livro repousado a nossa frente como o sobrevivente de um outro tempo, o qual tateávamos às cegas sem perceber as memórias e fantasmas que eram carregados junto a si, como fios soltos que ficaram perdidos em uma temporalidade indistinta. Começa-se a compreender, portanto, o quanto

“(…) cada memória está sempre ameaçada pelo esquecimento, cada tesouro ameaçado pela pilhagem, cada tumba ameaçada pela profanação. Assim, cada vez que abrimos um livro(...), talvez devêssemos nos reservar uns minutos para pensar nas condições que tenham tornado possível o simples milagre de que esse texto esteja aqui, diante de nós, que tenha chegado até nós.” (Didi-Huberman, 2012: 210)

No que concerne a esta pesquisa, por conseguinte, observa-se uma torção. Pois, a princípio, buscava-se no livro *A Metamorfose* e no conto *Um relatório para uma Academia*

códigos culturais na linguagem literária acerca das distinções ocidentais de animalidade/humanidade, como se ambos representassem a cosmologia subjacente a tais distinções, se oferecendo como lugares privilegiados de acesso a ela, como materializações de um pensamento que eu pudesse decifrar através de uma observação cuidadosa e uma leitura distanciada. Esse primeiro movimento estava pautado em uma perspectiva geertziana em que a cultura é vista como texto, encerrada em si mesma, constituindo uma totalidade de códigos, símbolos e significados compartilhados pelos sujeitos culturais, os quais seriam capazes de interpretá-los e com eles dar sentido às suas experiências (Geertz, 2008).

Segundo esse ponto de vista, diferentemente de outros animais, os seres humanos nascem com uma espécie de “lacuna” “entre o que o nosso corpo nos diz e o que temos que saber para funcionar” (Geertz, 1973: 50 apud Ingold, 2015: 230), sendo que ela seria preenchida pela cultura, “um corpo de informações contendo todas as orientações essenciais para uma certa maneira de viver” (Ingold, 2015: 230). Além disso, os seres humanos estariam universalmente equipados, graças a uma herança evolucionária genética, com um conjunto de capacidades para linguagem, raciocínio e imaginação simbólica, os quais seriam preenchidos ao longo de suas vidas com um conteúdo cultural variável (idem: 321).

Ou seja, aceitava-se o suposto de cultura e capacidade de pensamento classificatório como atributos de seres humanos, ao mesmo tempo em que se buscava explorar as relações contraditórias de classificações sobre animalidade e humanidade naquilo que se convencionou chamar “pensamento ocidental”. Portanto, a pesquisa estava pautada em uma concepção de arte como materialização de uma forma de viver, em que tal forma está intimamente relacionada ao local em que se vive (Geertz, 1998: 150). E se a cultura diz respeito às classificações específicas operacionalizadas através de códigos, símbolos e signos adquiridos por um pensamento humano predisposto a saber construir um mundo transcendente à matéria, ao mesmo tempo em que a utiliza como substrato primordial para dotar de sentido suas experiências, então seria possível, retrospectivamente, através de um livro material cheio de palavras dadas alcançar o pensamento humano localizado no Ocidente e as operações “simbólicas” que lhes deram origem.

No entanto, ao longo da experimentação antropológica nos escritos de Kafka, esse tipo de abordagem cada vez mais se demonstrava insuficiente para dar conta daquilo que pretendia e das indagações da pesquisa. Pois a experiência de leitura não se mostrava como decifração de intenções de um sujeito cultural ou mesmo intenções pessoais de um autor. O livro e suas palavras eram menos signos e códigos culturais, do que portas de entrada para labirintos de um universo em constante movimento, um universo de vida.

E então, o livro deixa de ser aquele objeto cultural que parecia à primeira vista, deixa de ser um fato consumado que se coloca diante de nós e oferece suas superfícies externas estáticas para inspeção, e se torna uma “coisa”, um “lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam” (Heidegger, 1971 *apud* Ingold, 2012: 29). Nesse sentido, o livro ganha o caráter de um “nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e

são capturados por outros fios noutros nós” (Ingold, 2012: 29), *vazando* em novas relações e questões que parecem nunca ter fim.

Assim sendo, aquele excesso de palavras acerca do universo kafkiano consiste em linhas de relações que se enlaçam nos fios soltos que escapam e levam adiante a multiplicidade dos devires de sua vida, pois a “literatura está antes do lado do informe, ou do inacabamento” (Deleuze, 1997: 11). E se escrever “não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida”, mas “um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se” (idem), as palavras escritas ao longo desta pesquisa consistem em novas linhas que foram tecidas a partir do encontro com aquelas que compõe os escritos de Kafka. Ademais, longe de atribuir um significado definitivo e uma interpretação conclusiva sobre tais narrativas no que diz respeito ao dualismo animalidade e humanidade, essas linhas são compostas dos caminhos que acompanharam e foram simultaneamente delineados pelo movimento de constante devir e metamorfoses dos conceitos de humano, animal e inumano através das relações entre as personagens das narrativas.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

“Reproduzir implica a permanência de um ponto de vista fixo, exterior ao reproduzido: ver fluir, estando na margem. Mas seguir é coisa diferente do ideal de reprodução. Não melhor, porém outra coisa. Somos de fato forçados a seguir quando estamos à procura das ‘singularidades’ de uma matéria ou, de preferência, de um material, e não tentando descobrir uma forma; quando escapamos à força gravitacional para entrar num campo de celeridade; quando paramos de contemplar o escoamento de um fluxo laminar com direção determinada, e somos arrastados por um fluxo turbilhonar; quando nos engajamos na variação contínua das variáveis, em vez de extrair delas constantes (...)” Guilles Deleuze e Félix Guatarri (1997:39-40)

Se aceitarmos o suposto de que a singularidade do conhecimento antropológico é que este constitui-se por meio da experiência de encontro com outros modos de conhecer e habitar o mundo, sendo por eles afetado de forma a transformar suas próprias certezas em questões, cujas respostas encontram-se naquilo que está diante de nós, naquilo que o mundo nos conta e que aprendemos a aprender gradualmente ao observar, ouvir e sentir em seus diferentes devires (Ingold, 2013) e que, portanto, esse conhecimento trata-se de uma relação social, “pois é efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece” e “causa de uma transformação na constituição relacional de ambos” (Viveiros de Castro, 2002: 113); esta pesquisa configura-se como uma experiência de encontro com o mundo literário de *A Metamorfose* e *Um Relatório para uma Academia*, ou seja, com as relações das personagens que compõem suas narrativas, as quais contam também os processos de metamorfose de minhas próprias questões relativas às discussões antropológicas acerca do dualismo humanidade/animalidade.

Pensando nestas discussões e uma outra, ainda mais célebre, que diz respeito a

separação “Natureza e Cultura” no que se convencionou chamar de pensamento ocidental moderno, buscou-se compreender nas narrativas kafkianas os conceitos de humano e animal a partir das diferentes perspectivas das personagens, as quais problematizam as definições convencionais acerca do que significa ser um humano e ser um animal, pois “embora a narrativa efetue separações, distinções, ela o faz enredando-as e não as opondo” (Kofes, 2015: 29) e, no caso especial dos textos de Kafka, as protagonistas de suas histórias corporificam torções em que não é possível apreendê-las unicamente enquanto animais ou humanos, mas uma espécie de dobra entre ambos, na qual coexistem em relação, sem que seja possível dizer onde um termina e o outro começa.

Nesse sentido, foi explorado nessas narrativas aquilo que Ingold (1995) coloca como a “dupla definição” na qual o ser humano encontra-se encarnado: uma espécie de animal e concomitantemente uma condição moral. Como ambas definições são construídas em torno do que se entende por “animal” – a primeira englobando todos os indivíduos que pertencem à categoria biológica de *Homo sapiens* e a segunda concebendo humano como categoria oposta à de animal –, elas encontram-se mergulhadas em um paradoxo: o ser humano é um animal ao mesmo tempo em que ser animal é radicalmente oposto à humanidade. Ademais, a associação entre essas duas definições fez emergir uma concepção de singularidade humana que implica necessariamente a existência de qualidades essenciais nos seres humanos, as quais diriam respeito a capacidades inatas para pensamento, linguagem e sentimentos abstratos que dariam sentido à experiência humana, caracterizada como transcendente à mera vida material e física de uma existência animal.

Para tanto, distanciando-se de um discurso antropológico no qual a matriz relacional é hilemórfica (Viveiros de Castro, 2002: 115) e cujo objetivo seria fazer um balanço do conteúdo presente nas narrativas para posteriormente dotá-lo de seu sentido “simbólico”, esta pesquisa buscou rastrear suas múltiplas trilhas de devir (Ingold, 2015: 41), considerando que a literatura é inseparável do devir e, ao escrever, o autor está num “devir-mulher, devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir imperceptível” (Deleuze, 1997: 11), os quais não consistem em atingir uma forma, mas furta-se à própria formalização, encontrar zonas de vizinhança, indiscernibilidade ou indiferenciação, pois o “devir está sempre ‘entre’ ou ‘no meio’” (idem).

Sendo assim, o método utilizado nesta pesquisa aproxima-se daquilo que fez Chalhoub em sua obra “Machado de Assis: historiador”, na qual o autor toma os romances de Machado de Assis enquanto testemunhos históricos da sociedade brasileira no período de hegemonia incontestada da classe senhorial-escravista (Chalhoub, 2003: 41). Pois, para isso, Chalhoub leva a sério os pontos de vista de cada personagem no desenrolar de suas relações que compõem o enredo, descrevendo-as de modo a demonstrar nas práticas sociais evocadas as ideologias da época, o que permite ao autor perceber “a história nas relações entre as personagens” (idem).

No entanto, tal exemplo não caracteriza o método como a reprodução de um modelo,

pois não se trata aqui de fazer da mesma forma e “seguir cânones, padrões e protocolos pré-definidos, mas de inventar suas formas de ação na medida mesma em que age e produz seus saberes singulares” (Gallo, 2012: 7). Assim sendo, ao realizar a leitura dos escritos de Franz Kafka enquanto meu “trabalho campo”, buscou-se em sua descrição posterior acompanhar os processos de metamorfose a partir dos entrelaçamentos dos pontos de vista das personagens, os quais mais do que produzir respostas definitivas acerca dos conceitos de humano e animal, permitiram o estranhamento e a problematização de tais conceitos.

Ao atentar para os pontos de vista das personagens, a pesquisa encontra afinidades com o perspectivismo de Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima, pois compreende que os conceitos humano/animal são forjados nas relações enquanto trocas de perspectivas, prezando o fato “de que não há realidade independente de um sujeito” (Sztutman 2009: 10), sendo que o ponto de vista cria o sujeito (Viveiros de Castro, 1996: 126) e confere ao mesmo a capacidade de ver-se como tal.

E se “todo ser a que se atribui um ponto de vista será assim sujeito, espírito; ou melhor, ali onde estiver o ponto de vista, também estará a posição de sujeito” (idem), a humanidade torna-se, de acordo com o perspectivismo, uma condição compartilhada entre todos esses seres, enquanto aquilo que os diferencia são seus corpos, entendidos como feixe de afecções e capacidades. Então, se a condição de humanidade é “uma posição intercambiável”, “pára no ar sempre o perigo de ‘virar bicho’, ‘virar espírito’, ‘passar para o outro lado’, algo como morrer” (Sztutman, 2009: 11), o que permite abordar as narrativas de Kafka enquanto desestabilizações do dualismo humanidade/animalidade compreendido dentro da cosmologia “naturalista” (Descola, 2012: 92), a qual se costumou designar ao pensamento ocidental moderno.

As obras escolhidas de Franz Kafka puderam, portanto, ser tomadas enquanto universos de relações nas quais os pontos de vista de seus sujeitos metamorfoseiam os conceitos de humano e animal, tornando o material literário um campo problemático ao qual não se propôs uma interpretação hermenêutica pensando em suas representações de um saber local, mas sim a realização de uma experimentação nas linhas de seu mundo narrativo, “um mundo de movimento e devir” (Ingold, 2015: 236) que proporcionou conhecimento através do encontro das questões da pesquisa com as histórias contadas por ele.

3 | RESULTADOS

Em primeiro lugar, para maior esclarecimento, chega o momento em que se faz necessário apresentar brevemente os mundos narrativos aos quais a presente pesquisa se volta. Isto posto, tentarei delinear a seguir as experiências de encontro com as linhas de *A Metamorfose* e *Um Relatório para uma Academia*, respectivamente.

3.1 A metamorfose de Gregor Samsa

O primeiro encontro com um dos universos de Franz Kafka deu-se a partir de *A Metamorfose*, um livro da edição de bolso, pequeno e de capa vermelha, da editora L&PM. Suas 127 páginas compõe-se das linhas da novela em que o protagonista Gregor Samsa, filho mais velho de uma família burguesa e caixeiro-viajante, acorda certo dia em seu quarto metamorfoseado em um inseto gigantesco. Seu quarto é rodeado pelo resto da casa: de um lado encontra-se o quarto de sua irmã Grete, do outro o quarto de seus pais e outro ainda daria visão para a sala de estar e a sala de espera.

Quando o despertador toca e o resto da família percebe que Gregor ainda não saiu para trabalhar, todos ficam preocupados com o atraso, algo totalmente inesperado, e assim começam a conjecturar um possível mal-estar até que chega o gerente da firma onde Gregor trabalha. Desconfiado de que o seu funcionário estava fugindo do serviço, o gerente começa a pressioná-lo para que abra a porta de seu quarto, exemplo que foi seguido por seus pais. Gregor tenta ainda comunicar-se e explicar que não estava se sentindo bem, já fora de controle e indignado com o tratamento que estava recebendo por ter se atrasado uma única vez nos cinco anos de serviço. Ao mesmo tempo, tenta acostumar-se com seu novo corpo e com ele abrir a porta, o que só consegue com muito esforço. Ao avistarem Gregor, os seres humanos reagem como se ele fosse um monstro: o gerente foge, o pai inicialmente expressa hostilidade e depois chora, e a mãe sofre um leve desmaio.

Gregor tenta impedir a fuga do gerente, pois estava angustiado com o futuro da família caso perdesse o emprego, já que ele era o provedor da casa. Mas não tinha agilidade o suficiente e ainda por cima seus pais não compreendiam o que ele estava tentando fazer. O pai, aliás, o enxotou de volta para seu quarto e o feriu gravemente. A partir de então, Gregor fica recluso em seu quarto. A irmã, Grete, é a única que ainda tem coragem de entrar para “cuidar” dele – contanto que ele se esconda embaixo do canapé, colocando comida e água, abrindo a janela e limpando.

Com o passar do tempo, a mãe também decide que quer ver seu filho, mas só tem seu desejo realizado quando Grete resolve tirar os móveis do quarto de Gregor, pois acredita que liberaria espaço para que ele pudesse ficar ziguezagueando pelas paredes – hábito que ele adotara para poder se distrair nessa sua nova vida isolada. Conforme vão tentando arrastar o pesado armário para fora com muita dificuldade, enquanto Gregor fica escondido embaixo do canapé, a mãe começa a questionar a filha sobre aquilo parecer uma demonstração de que não tinham mais “esperanças” de que Gregor voltasse ao normal. Ao ouvir isto, seu filho fica preocupadíssimo com o fato de estar esquecendo seu “passado humano” e de ter realmente desejado ter seu quarto transformado em uma “toca”.

Quando a mãe e a irmã saem para descansar um pouco do esforço de carregar os móveis para fora, ele decide tentar salvar alguma coisa de suas “lembranças humanas” e se gruda sobre um retrato emoldurado de uma mulher vestida em pele junto à parede. Isso

causa uma grande confusão, pois ao voltarem para o quarto, a irmã percebe que Gregor saiu de seu esconderijo e agora estava na parede. Com medo do que a imagem de Gregor poderia causar à mãe, que não estava acostumada a ela, Grete tenta, sem sucesso, retirar a mãe em segurança do quarto, pois esta se impacienta com a atitude da filha, corre para o lado e acaba vendo a “gigantesca imagem marrom sobre o papel floreado da parede” (Kafka, 2015: 66). A mãe desmaia, Grete corre para o quarto ao lado a fim de buscar alguma essência para reanimá-la e Gregor se sente desesperado de culpa. Ele vai atrás da irmã para tentar ajudar em alguma coisa, assustando-a e a fazendo pegar frasquinhos de essência às pressas e correr para o quarto onde a mãe estava, trancando a porta ao passar. Ele então fica separado das duas por uma tranca, sozinho na sala com suas auto censuras e desespero, até que a campainha toca. A irmã teve que abrir a porta, pois o pai chegou em casa de seu novo serviço, o qual havia arranjado devido à perda de estabilidade financeira, pois não podiam mais contar com o salário de Gregor.

Ao ver o aspecto de Grete, o pai pergunta o que havia se sucedido. Ela diz que a mãe havia desmaiado e Gregor fugido. Assim, começa uma perseguição do pai atrás de Gregor – que não pode explicar a situação e tenta acalmar o pai como pode, mas sem lograr nenhum sucesso, pois este último é incapaz de perceber suas tentativas –, que culmina novamente em Gregor gravemente ferido, com uma das maçãs que o pai lhe bombardeara cravada nas costas e preso sozinho em seu quarto. Depois desses acontecimentos, os seres humanos perceberam que Gregor ainda era parte da família, apesar de “sua atual figura, tristonha e repulsiva” (idem: 73), e que ele não devia ser tratado como um inimigo. Então, como compensação, a porta que separava seu quarto da sala era aberta todas as noites, para que ele pudesse ver a família reunida no jantar.

Com o passar do tempo e a redução crescente do orçamento da família, a mãe e irmã também começaram a trabalhar, a empregada acabou sendo despedida e substituída por uma faxineira. Várias joias da família foram vendidas e a família pensava em se mudar para um lugar menor, mas viam-se impedidos pela atual situação de Gregor. Assim, com vistas a auxiliar nas despesas, um dos quartos fora alugado para três inquilinos sisudos, obcecados pela ordem e extremamente arrogantes. Os pais, que não estavam acostumados a tratar inquilinos, acreditavam que deviam servi-los da melhor forma possível, exagerando e tentando tratá-los como hóspedes da realeza.

Em uma noite, Grete começou a tocar seu violino e é convidada pelos inquilinos a vir tocar na sala de estar. Ao escutar a música, Gregor sente-se muito tocado e acaba rastejando, sem se dar conta totalmente, até a sala, decidido a chegar a irmã e pedir para que ela viesse tocar em seu quarto, sem sair mais de lá, e ele lhe confessaria que pretendia mandá-la ao conservatório. Mas é claro que ao avistarem sua figura, os seres humanos se agitam novamente. Um dos inquilinos chama a atenção do pai, fica indignado e diz que não pagará mais o aluguel, apoiado pelos outros dois que seguem seu exemplo. Depois disso, a irmã rompe em lágrimas e diz que já não aguenta mais a situação, dizendo aos pais que

eles têm de se livrar daquele “monstro”, que não é Gregor.

Enquanto isso, já há muito tempo sem comer nada, com as costas machucadas e o corpo em um estado lamentável, Gregor volta a seu quarto, tem suas últimas reflexões e solta seu último suspiro.

3.1.1 *O corpo metamorfoseado e o devir-animal*

“Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, quando levantou um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido em segmentos arqueados, sobre o qual a coberta, prestes a deslizar de vez, apenas se mantinha com dificuldade. Suas muitas pernas, lamentavelmente finas em comparação com o resto de seu corpo, vibravam desamparadas ante seus olhos.” Franz Kafka, 2015: 13.

Eis as primeiras linhas que se encontram na história de Gregor Samsa, o protagonista da narrativa de Kafka que passa pela inusitada experiência de transitar ao longo de conceitos de animal e de humano. Transita, pois não se fixa totalmente em nenhum deles, encontra-se sempre no meio, trata-se de um devir-animal, tensionando suas relações com as outras personagens a partir de sua própria indefinição.

Considerando que esta história nasce em 1915 e suas personagens ambientam-se em um universo ficcional derivado das relações que constituíam o universo do autor tcheco, o ponto de partida para apreender a metamorfose coincidirá com concepções acerca do dualismo humanidade/animalidade baseadas no que se convencionou chamar de pensamento ocidental moderno, as quais postulam “uma continuidade física e uma descontinuidade metafísica (...) entre humanos e os animais”, segundo a qual “o espírito é o grande diferenciador (...): é o que nos sobrepõe aos animais e à matéria em geral, o que nos singulariza diante de nossos semelhantes, o que distingue as culturas” (Viveiros de Castro, 1996: 129). E o corpo trata-se, ao contrário, do substrato universal “que remete à natureza última de todos os corpos materiais” e “nos conecta ao resto dos vivos” (idem).

É nesse contexto que Gregor Samsa acorda certo dia em um corpo estranho, metamorfoseado em um inseto monstruoso. Marrom, cheio de perninhas finas, com antenas, com uma mandíbula incrivelmente forte e sem dentes, e com apetite bem diferente do habitual para um ser humano, preferindo alimentos velhos, semi-apodrecidos e restos de refeição. É o corpo de um animal não-humano, mas não se trata de um inseto qualquer, pois é gigantesco. Este corpo o impede de conversar com os seres humanos a sua volta:

“[...]Gregor assustou-se quando ouviu sua voz respondendo; e era inconfundivelmente a mesma voz de antes, mas a ela misturava-se, como se vindo de baixo, um ciciar doloroso, impossível de evitar, que só no primeiro momento mantinha a clareza anterior das palavras, para destruir seu som de tal forma quando acabavam por sair, a ponto de fazer com que não soubesse ao certo se havia ouvido direito.” (Kafka, 2015: 18)

No entanto, o corpo não o impede de ter consciência de que queria falar algo e que reconhecia a linguagem humana, pois Gregor não sabia se havia *ouvido direito* aquilo que sua boca pronunciara e refletia sobre a complicada situação na qual se encontrava, demonstrando capacidades de pensamento e raciocínio atribuídos unicamente ao “espírito humano” transcendental do pensamento ocidental moderno. Mas ele não era capaz de comunicar-se com os seres humanos:

“– Entenderam uma única palavra? – perguntou o gerente aos pais – Será que ele não está querendo nos fazer de bobos?

– Pelo amor de Deus – gritou a mãe, já dominada pelo choro –, talvez ele esteja de fato gravemente doente e nós aqui, atormentando-o. Grete! Grete! – chamou ela então.

– Sim, mãe? [...]

– Tu tens de ir às pressas chamar o médico. Gregor está doente. Rápido, vá chamar o médico! Ouviste o Gregor falando?

– Era uma voz de animal – disse o gerente[...]” (idem: 31)

Esta incapacidade custa-lhe aos olhos dos seres humanos sua própria condição de humanidade, pois por não conseguir expressar-se em uma linguagem humana, eles acreditam que se eles não o compreendem, tampouco Gregor o faz:

“[...] visto que eles não conseguiam compreendê-lo, ninguém pensava, nem mesmo a irmã, que ele poderia compreender os outros;” (idem: 50)

Deste modo, o gerente, o pai, a mãe e a irmã de Gregor não podem mais ver nada nele além daquilo que é expresso por seus movimentos e seu corpo não-humano. Este torna-se imprevisível, perigoso e seus parentes não têm mais a mínima ideia do que se passa com ele e como agir e reagir em sua presença. A metamorfose de Gregor, por conseguinte, consiste em um “processo de transformação na forma de ver o outro” (Machado, 2014: 3), através do qual os seres humanos começam a vê-lo enquanto animal, considerando que sua mutação física implicaria também uma mutação em sua “essência humana”.

Enquanto o ponto de vista das personagens humanas cria Gregor enquanto “animal”, o ponto de vista deste último o permite conceber-se enquanto sujeito. E, se “ponto de vista está no corpo” (Viveiros de Castro, 1996: 128), Gregor vê da mesma maneira que os humanos, mas o que ele vê difere. Pois seu corpo é diferente já que se constitui, a partir da metamorfose, de outro conjunto de afecções ou modos de ser, sendo que “o que ele come, como se move, como se comunica, onde vive(...)”, ou seja, a forma visível de seu corpo é um “signo poderoso dessas diferenças de afecção” (idem).

Contudo, a “troca de perspectivas” de Gregor com as outras personagens consistem em um risco para sua própria condição de sujeito. Sua irmã, Grete, ainda que permaneça cuidando de sua alimentação e da limpeza de seu quarto por um tempo, não consegue jamais se acostumar com sua aparência e nunca se sente segura quando sabe que ele está por perto, mesmo considerando o fato de que Gregor esconde-se embaixo do canapé para

não obrigá-la à visão de sua figura:

“Certa vez – já havia passado bem um mês desde a metamorfose de Gregor, e não existia, portanto, nenhum motivo especial para que sua irmã ficasse espantada por causa do aspecto de Gregor –, ela veio um pouco mais cedo do que de costume e encontrou Gregor quando ele, imóvel e completamente predisposto ao susto, olhava para fora da janela. Para Gregor, o comportamento da irmã não seria inesperado, se ela apenas tivesse desistido de entrar no quarto, uma vez que a posição dele a impedia de abrir logo a janela; mas ela não apenas não entrou no quarto, como também recuou e trancou a porta; um estranho poderia pensar que ela agira assim por pensar que Gregor estava à sua espreita a fim de mordê-la. [...] teve de esperar até o meio-dia para que a irmã voltasse, e ela parecia bem mais inquieta do que de costume. Por causa disso ele percebeu que seu aspecto ainda era insuportável para ela, que com certeza continuaria a ser insuportável para ela, e que ela tinha de fazer muito esforço para dominar a vontade de fugir correndo ante à visão do corpo dele, ainda que fosse a mínima de suas partes que sobressaía sob o canapé.” (Kafka, 2015: 57)

Nessa relação, o ponto de vista de Grete conflita com o de Gregor, pois ao concebê-lo enquanto figura repugnante e tratá-lo com tanto desprezo, faz com que ele reconheça no corpo de Grete as afecções próprias de um ser humano e perceba as suas diferenças com elas. Isso o faz duvidar de sua própria condição de sujeito, pois “em intuir subitamente que o outro é ‘humano’, entende-se que *ele* é o humano, o que desumaniza e aliena automaticamente o interlocutor, transformando-o em presa, isto é, em animal” (Viveiros de Castro, 1996: 135).

O mesmo pode ser dito acerca das relações de Gregor com seus pais. Estes não tinham coragem de ir vê-lo, apenas esperavam frente à porta de seu quarto enquanto Grete fazia seus serviços e depois perguntavam a ela qual era a situação do filho e “se por acaso não era possível perceber alguma melhora” (Kafka, 2015: 58). E quando acontecia de encontrarem-se realmente com ele, as reações quase sempre eram as mesmas, o pai mostrava-se agressivo e violento, a mãe tomava um susto muito grande e acaba desfalecendo:

“Mas as palavras de Grete acabaram por impacientar de vez a mãe, ela correu para o lado, vislumbrou a gigantesca imagem marrom sobre o papel floreado da parede e gritou, antes mesmo de ter consciência de que aquilo que ela via era Gregor, em voz áspera e esganiçada: – Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! – e caiu de braços abertos, como se desistisse de tudo, sobre o canapé, e não se moveu.” (Idem: 66)

“[...] [o pai] caminhou em direção a Gregor, o rosto irascível, as abas do comprido casaco do uniforme atiradas para trás, as mãos nos bolsos das calças. Com certeza nem ele mesmo sabia o que pretendia fazer; de qualquer modo, levantava os pés a uma altura incomum e Gregor ficou espantado com o tamanho gigantesco da sola de suas botas. Mas não ficou nisso, sabia já desde o primeiro dia de sua nova vida que o pai, em relação a ele, considerava adequada apenas a severidade máxima.” (Idem: 70)

Com o passar do tempo após a metamorfose, cada vez mais a condição de sujeito de Gregor corre riscos. Chega um momento em que Grete decide tirar os móveis do quarto do irmão, para que ele possa rastejar ziguezagueando pelas paredes com mais liberdade, mas sua mãe cochicha para ela que isso talvez signifique demonstrar que estavam abandonando esperanças de que ele volte ao que era antes. E,

“[a]o ouvir essas palavras da mãe, Gregor reconheceu que a falta de qualquer comunicação humana imediata, ligada à vida uniforme em meio à família, no decorrer desses dois meses, deveria ter confundido seu entendimento, pois de outra forma ele não conseguia entender como poderia ter coragem de desejar a sério que seu quarto fosse esvaziado. Tinha de fato vontade de mandar que seu quarto, aquele quarto morno, confortavelmente instalado com móveis herdados, fosse transformado em uma toca, na qual ele poderia se arrastar com liberdade em todas as direções, sem ser perturbado, mas pagando o preço de esquecer de modo simultâneo, rápido e completo seu passado humano? De fato agora já estava próximo de esquecer, e apenas a voz de sua mãe, que ele não ouvia há tempo, dera-lhe uma sacudida interna. Nada deveria ser afastado; tudo tinha de ficar; as boas influências dos móveis sobre sua situação ele não podia dispensar; e se os móveis o prejudicassem no ato de se arrastar por aí sem sentido, isso não era um prejuízo, mas sim uma grande vantagem.” (Idem: 62)

Parece que sua humanidade está diretamente relacionada com os modos de ser de seu antigo corpo humano, com o contato com outros seres humanos, seus móveis e as coisas que ele amava – como a serra e o arco e outras ferramentas que ele usava para atividades de marcenaria; a escrivaninha na qual havia escrito suas atividades de acadêmico de comércio, de ginasião e estudante do primário; e o retrato de mulher vestida em pele. Sendo assim, Gregor assume sua posição de “eu” enquanto não-humano em relação ao seu corpo de antes e em relação a seus familiares. O encontro dessas perspectivas acaba por desumanizá-lo e transformá-lo em animal, anulando sua condição de sujeito perante as outras personagens.

Grete, que de início tratava das condições básicas para sobrevivência de Gregor, é quem depois demonstra o quanto aquela situação se tornara impossível e ele era um ser do qual ela não podia mais suportar e temia pelo que ele poderia acarretar a sua família.

– Isso tem que sair daqui – exclamou a irmã –, é o único meio, pai. Tu simplesmente tens de te livrar do pensamento de que é Gregor. Que tenhamos acreditado por tanto tempo, essa é que é a nossa verdadeira desgraça. Mas como é que pode ser Gregor? Se fosse Gregor, ele já teria compreendido há tempo que o convívio de seres humanos com um bicho assim não é possível, e teria ido embora de vontade própria. Caso isso acontecesse nós não teríamos irmão, mas poderíamos seguir vivendo e honrar sua memória. Mas assim esse bicho nos persegue, expulsa os inquilinos, obviamente quer tomar para si o apartamento inteiro e fazer com que nós passemos a noite na rua. Olha só, pai – ela gritou de repente –, ele já está começando de novo! ” (Idem: 92-93)

A mãe não se encontra em posição de defender Gregor ou de tomar qualquer decisão, pois ela é dominada por desespero, tosse e um cansaço total, assim não sabemos

sua posição sobre o assunto. E o pai ainda tem suas dúvidas sobre o fato de Gregor entendê-los ou não, mas acredita nas palavras da irmã e acaba concordando com ela:

“– Se ele nos entendesse – disse o pai, a meio perguntar; no meio do choro a irmã sacudiu a mão com violência, mostrando que nem sequer se poderia pensar nisso.

– Se ele nos entendesse – repetiu o pai, e com um fechar de olhos acolheu a convicção da irmã sobre essa impossibilidade –, então talvez fosse possível fazer um acordo com ele. Mas assim...” (Idem: 92-93)

Em face a tudo isso, Gregor compartilha com a irmã a opinião de que deveria desaparecer, talvez ainda mais fortemente do que ela. Após o ocorrido em que ele entra na sala de estar atraído pela música de Grete e percebe o quanto provoca horror à família, ele volta lentamente ao quarto, debilitado e sem forças. É trancado novamente lá na escura solidão e pensa “E agora? ”. Logo percebe que não é mais capaz de se mexer nem um pouco, as dores em seu corpo se tornam mais fracas até desaparecer, ele recorda de sua família com amor e comoção e mantém-se nesse estado de

“reflexões vazias e pacíficas até que o relógio da torre bateu três horas da madrugada. Ainda vivenciou o início do alvorecer [...]. Em seguida, sem que o quisesse, sua cabeça inclinou-se totalmente para baixo e das suas ventas brotou, fraco, o último suspiro.” (Idem: 95-96)

Gregor Samsa morre. Afinal, quando a humanidade se trata de “uma questão de ponto de vista, uma posição intercambiável, paira no ar sempre o perigo de ‘virar bicho’ (...), ‘passar para o outro lado’, algo como morrer” (Sztutman, 2009: 11). No caso de Gregor, isto tornou-se literal. Ele não quer esquecer-se de seu passado, quando seu corpo ainda era um conjunto de afecções e modos de ser que ele reconhece enquanto pertencentes a um ser humano, quando ele podia trabalhar e sustentar a família, mastigar com dentes suas refeições, ter a possibilidade de realizar seus desejos e levar a irmã para um conservatório.

Mesmo que nenhuma dessas coisas fosse algo que ele valorizasse, amasse ou considerasse inteiramente satisfatório, ele não queria simplesmente abrir mão. E ele sabe que nada disso importa, assim como seus sentimentos para com a família. Pois ele é impedido de comunicá-los devido às novas condições impostas pela metamorfose e, portanto, no ponto de vista de seus familiares, ele é um animal perigoso, tendo sua condição de sujeito negada e seus sentimentos ignorados. Seu novo corpo o tornou repugnante para os seres humanos à sua volta, que ou se afugentam ou o afugentam. Então, Gregor Samsa também aos poucos desliga-se daquela vida, daquele corpo, quando para de se alimentar, e apesar do apetite se nega a ingerir os alimentos oferecidos pela irmã, e aos poucos vai sucumbindo à fraqueza e à sua debilidade.

3.2 Pedro vermelho se dirige à academia

O encontro com o conto *Um Relatório para uma Academia* aconteceu primeiramente através da leitura de um artigo que tratava da condição de sujeito em Kafka (Machado,

2014). Ao tomar conhecimento de seu enredo, no qual o símio Pedro Vermelho se dirige a “membros cultivados de uma academia” para relatar de forma “fina e engomada” sua “transição de *animal* para a existência humana” (Carone, 2011: 111), percebi as possibilidades de trazer as linhas dessa narrativa para as de minha pesquisa. Sendo assim, fui em busca de referências de livros em que o conto poderia ser encontrado e acabei por descobri-lo na coletânea *Essencial Franz Kafka*, traduzida e organizada por Modesto Carone.

O pequeno conto de apenas dez páginas trata-se de uma narrativa bem-humorada em que o símio Pedro Vermelho escreve um relatório para os eminentes senhores da academia contando sobre seu grande feito: a transição da “pregressa vida de macaco” para o “mundo dos homens” (Kafka, 2011: 113). Tal experiência inusitada tem início quando Pedro é capturado por uma expedição de caça da companhia Hagenbeck na Costa do Ouro, levando dois tiros – um na maçã do rosto e outro no meio das ancas – enquanto bebia água, ao anoitecer, em meio a seu bando.

Ele foi o único atingido e suas lembranças começam quando, depois de capturado, acorda espremido em uma jaula na coberta do navio a vapor da firma Hagenbeck. Pedro conta que sobreviveu a essa experiência mantendo-se quieto, calmo e observador. Tudo que ele desejava naquele tempo era encontrar uma saída e, por conseguir manter-se calmo, suas observações contínuas dos homens que caminhavam para lá e para cá livremente perto de sua jaula, somadas ao fato de que percebeu que o lugar dos macacos na firma Hagenbeck é de encontro às grades, o fizeram decidir que deixaria de ser um macaco e imitaria aqueles seres humanos para que pudesse se livrar daquela situação.

Assim, Pedro Vermelho começa a imitar os homens do navio, aprendendo a agir como eles, até que um dia solta uma palavra humana para espanto de todos, tornando-se um candidato certo para o teatro de variedades. Quando chega em Hamburgo, Pedro é entregue ao seu primeiro amestrador e vai aos poucos aprendendo junto ao chicote a ser um humano, consumindo diversos professores e apresentando suas crescentes aptidões ao público.

A sua fama cresce e a promessa de um futuro brilhante o permite contratar ele mesmo seus próprios professores, até alcançar a formação “média de um europeu” (Kafka, 2011: 123), gozando de uma boa vida cheia de requintes, visitas ilustres, banquetes, sociedades científicas e reuniões de negócios. Por fim, Pedro é convidado pela academia para relatar seu feito e nos apresenta esses fatos em seu relatório, mostrando seu caminho para essa saída humana encontrada para fugir do destino de um macaco aprisionado nas grades de um navio.

3.2.1 *A saída humana ou o devir-humano do macaco*

“Homo est un animal constitutivement ‘anthropomorphe’ (...), qui doit, pour être humain, se reconnaître dans une non-homme.” Giorgio Agamben (2002: 49-50)

O que pode ser dito sobre o dualismo animalidade e humanidade quando este é confrontado com a narrativa de Pedro Vermelho? Levando em conta o contexto no qual o conto *Um Relatório para uma Academia* foi escrito, partiremos de concepções daquilo que se convencionou denominar de pensamento ocidental moderno acerca do que é ser humano e o que é animal. Ou seja, partiremos do suposto de que existe uma separação entre mundo natural e mundo especificamente humano, social e produtor e produto da cultura, sendo este último transcendente à matéria e lugar exclusivo de sujeitos – ou “indivíduos” – aos quais se atribui a “essência divina”, a mente, a alma, a intencionalidade, a racionalidade, a linguagem, o pensamento abstrato, a capacidade de produzir e modificar intencionalmente o meio em que vivem e que a eles é subordinado.

Sendo assim, a diferença entre os seres humanos, sujeitos e habitantes do mundo social e cultural, e os outros animais, “autômatos sem alma” (segundo a perspectiva cartesiana) habitantes da “natureza”, portanto, diz respeito a essa singularidade humana e sua capacidade de transcendência a matéria. Matéria inerte, estática, que corresponde a objeto, “um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas” (Ingold, 2012: 29).

No entanto, é interessante ressaltar que esse pensamento sofre um impacto no século XX após a publicação de *A origem das espécies* de Darwin, pois para a nascente ciência do evolucionismo aquilo que diferencia humanos e não-humanos não é consequência do compartilhamento de uma essência espiritual por parte dos humanos, determinando uma separação radical entre eles e os outros animais, mas diz respeito às consequências da evolução da mente humana vista como nada mais do que um órgão do corpo, o cérebro (Ingold, 1988: 89).

Pensando nisso, curiosamente, Pedro Vermelho começa seu relato dizendo que os cinco anos que os separam da “condição de símio” consistem em uma barreira para sua memória, de modo que não é possível explicar completamente essa sua entrada no mundo humano, pois:

“falando francamente, sua origem de macaco, meus senhores, até onde tenham atrás de si algo dessa natureza, não pode estar tão distante dos senhores como a minha está distante de mim”. (Kafka, 2011: 114)

Nessa fala do personagem, podemos identificar a noção evolucionista de Darwin, segundo a qual os seres humanos e macacos têm em comum um ancestral, associada à ideia etnocêntrica de que os pares de opostos natureza e cultura/ animalidade e humanidade tratam-se de um *continuum* de graus pelos quais as espécies podem “seguir em frente”, ou seja, “evoluir” até chegar a um “nível ideal” correspondente ao cidadão europeu moderno: “Através de um esforço que até agora não se repetiu sobre a terra, cheguei à formação média de um europeu” (idem: 123).

Além disso, ao contar as lembranças fugidias as quais tinha acesso apenas a partir do momento que, depois de capturado, acordou espremido numa jaula dentro do navio, o

personagem afirma que:

“Naturalmente só posso retrair com palavras humanas o que então era sentido à maneira do macaco e em consequência disso cometo distorções; mas embora não possa mais alcançar a velha verdade do símio, pelo menos no sentido da minha descrição ela existe – quanto a isso não há dúvida”.
(idem: 116)

Nessa passagem, em contraposição ao *continuum* evolutivo entre natureza/cultura e animalidade/humanidade, é possível perceber uma distinção radical entre a “verdade do símio” e a atual “condição humana”, dada pela impossibilidade de acessar aquela devido a atual condição caracterizada por uma linguagem humana, incompatível com a experiência do macaco. Pensando nisso, vem à tona a questão da linguagem como condição de cultura, segundo a visão estruturalista de que a analogia entre essas duas baseia-se na hipótese de que “toda criação humana consiste em estabelecer relações entre termos, constituindo-se assim numa linguagem” (Lima, 1998: 48).

Sendo que tal operação de estabelecer relações consiste na capacidade classificatória da mente humana dotada de um inconsciente, seria de se esperar que outras espécies de animais carecessem de linguagem e, portanto, de consciência e meios de expressão daquilo que vivenciassem. Mas não é colocado em dúvida que o animal não-humano sentia e compreendia algo a partir de suas sensações, algo que convencionalmente é negado pela visão antropocêntrica da “animalidade” como falta de todos os elementos atribuídos à humanidade, inclusive o raciocínio, consciência, sentimento e intenção.

É interessante, portanto, pensar que a entrada de Pedro Vermelho na “comunidade humana” se deu através da imitação do comportamento dos seres humanos com os quais convivia e a passagem definitiva acontece a partir do momento em que ele solta sua primeira palavra:

“(…)porque não podia fazer outra coisa, porque era impelido para isso, porque os meus sentidos rodavam – eu bradei sem mais ‘Alô!’, prorrompi num som humano, saltei com esse brado dentro da comunidade humana(…)”. (Kafka, 2011: 122)

No entanto, no desenrolar de sua fala, Pedro demonstra que tal “saída humana” foi, na verdade, um esforço com vistas à sobrevivência e não admiração pela dita “humanidade” e um esforço para “evoluir” até alcançá-la:

“Ora, naqueles homens não havia nada em si mesmo que me atraísse. Se eu fosse um adepto da já referida liberdade, teria com certeza preferido o oceano a essa saída que se me mostrava no turvo olhar daqueles homens”
(idem: 119)

Ao ser capturado com dois tiros, ser retirado de seu “habitat natural”, depois mantido preso em uma jaula estreita e apertada no navio rumo a Hamburgo, cheio de dor e desconforto, percebeu que se o lugar do macaco naquele mundo era de encontro a parede da jaula, ele precisava deixar de ser macaco, “um raciocínio claro e belo que de algum

modo eu devo ter chocado com a barriga, pois os macacos pensam com a barriga” (idem: 117).

Assim, para ele essa “saída não corresponde à liberdade, mas à maneira de se safar do jugo humano, de se comportar de forma mimética em relação a eles” (Souza, 2011: 87), pois se os homens do navio “andavam pois sem impedimentos” (Kafka, 2011: 119), devia se tornar um deles para conseguir viver fora daquela jaula. Pedro Vermelho sabia que fugir não era uma alternativa e a saída que se apresentou a ele derivou da observação dos seres humanos, de sua aparente liberdade de ir e vir; a saída era a de uma “existência humana”.

Dessa forma, o símio começa a imitar os homens do navio e um deles começa a lhe ensinar como se comportar como eles. É o primeiro momento em que começa a ser ensinado a ser “humano”, aprendendo dar um aperto de mão, a cuspir, fumar cachimbo e beber aguardente. Essa última atividade é o maior desafio de Pedro Vermelho, que tinha aversão à bebida e de início não conseguia se dominar para enfrentar seu gosto. Em relação a isso, seu “professor” não ficava bravo, diz ele:

“(…) é certo que às vezes ele segurava o cachimbo aceso junto à minha pele até começar a pegar fogo em algum ponto que eu não conseguia alcançar, mas ele mesmo o apagava depois com a mão boa e gigantesca; não estava bravo comigo, percebia que lutávamos do mesmo lado contra a natureza do macaco e que a parte mais pesada ficava comigo” (idem: 121)

Nessa passagem, fica evidente que esse processo de aprendizado a ser humano tratava-se de uma luta contra uma “natureza animal”. A existência humana é uma condição, portanto, passível de ser aprendida através da dominação daquilo que é um *a priori* do corpo animal. Nesse conto, esse aprendizado deixa de ser exclusividade da espécie animal *Homo sapiens*, mas ao mesmo tempo continua caracterizando aquilo que se entende por existência humana. Ou seja, a humanidade/animalidade e natureza/cultura não são apenas estágios em um *continuum*, atributos de uma fisiologia, ou operações classificatórias de um cérebro de uma espécie animal específica, mas consistem também em dois modos de existência que “giram em torno da noção de que um domínio é passível de ser controlado ou colonizado pelo outro” (Strathern, 2014: 31).

Ademais, se a humanidade consiste em uma condição que pode ser adquirida através da imitação de “modos de ser que constituem um habitus” (Viveiros de Castro, 1996: 128), podemos apreendê-la enquanto afecções e capacidades advindas de um corpo que é a origem de uma perspectiva e, como tal, agenciamento de um sujeito. Desse ponto de vista, a humanidade trata-se de uma condição relacional e, por conseguinte, só pode ser compreendida dentro de relações em que sujeitos trocam perspectivas acerca do que é humano ou animal.

Pedro Vermelho, portanto, ao imitar as afecções e capacidades de corpos que, de acordo com os pontos de vista das personagens, eram humanos, acaba por transformar a

si mesmo perante tais perspectivas em um semelhante.

“E eu aprendi, senhores. Ah, aprende-se o que é preciso que se aprenda; aprende-se quando se quer uma saída; aprende-se a qualquer custo. Fiscaliza-se a si mesmo com o chicote; à menor resistência flagela-se a própria carne. A natureza do macaco escapou de mim frenética, dando cambalhotas, de tal como que com isso meu primeiro professor quase se tornou ele próprio um símio (...).” (Kafka, 2011:122)

Isso acaba em proporcionar-lhe a saída que procurava para poder viver fora das jaulas naquele mundo, no qual macacos só são aceitos se estiverem presos em zoológicos ou dominados por amestradores em teatros de variedade.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Mas sobretudo procuramos ainda menos uma estrutura, com oposições formais e significante pronto: sempre se pode estabelecer relações binárias (...) e depois relações biunívocas – isto é estúpido, na medida em que não se vê por onde e em direção a que escapa o sistema, como ele se torna, e qual o elemento que vai desempenhar o papel de heterogeneidade, corpo saturador que faz o conjunto sumir, e que quebra a estrutura simbólica, não menos que a interpretação hermenêutica (...).” Gilles Deleuze e Félix Guattari (1977: 13)

Quando um livro e um conto literário tornam-se mais do que meros “objetos” de lazer, quando a janela que abrem à imaginação mostra horizontes mais amplos e possibilitam uma experimentação antropológica em suas linhas narrativas, duas coisas logo são percebidas. A primeira é que o livro ganha vida, sendo que as relações entre suas palavras não estão dadas, estáticas e concluídas, mas são dinâmicas e capazes de criar novas relações e enlaçar-se com diversas questões. A segunda é que o que possibilita a experimentação antropológica é a experiência de encontro com essas palavras vivas, experiência esta que transforma simultaneamente as relações entre tais palavras em si e as relações entre as questões com as quais fui tocá-las.

Assim sendo, o livro se torna um campo problemático em contínuo movimento e desdobramento, deixando rastros que nas linhas desta pesquisa busquei observar, seguir e descrever (Ingold, 2015). Tais rastros seguem a estrutura de um rizoma, de modo que, ao tatear seus caminhos nos textos de Franz Kafka, tive a sensação de perda labiríntica em um universo de múltiplas entradas. Assim, seguindo aquilo que disseram Deleuze e Guattari (1977), procurei

“apenas com quais outros pontos se conecta aquele ponto pelo qual se entra, por quais cruzamentos e galerias se passa para conectar dois pontos, qual é o mapa do rizoma, e como imediatamente ele se modificaria se entrássemos por um outro ponto. O princípio das entradas múltiplas impede somente a introdução do inimigo, o Significante, e as tentativas para interpretar uma obra que na verdade se propõe apenas à experimentação” (Deleuze; Guattari, 1977: 7).

No que concerne ao encontro dos caminhos desse universo narrativo labiríntico com as discussões antropológicas acerca de humanidade e animalidade, confrontou-se conceitos de humano e animal, que inicialmente partiam de supostos do que se convencionou chamar de pensamento ocidental moderno, com as relações entre os pontos de vista das personagens de *A Metamorfose* e *Um Relatório para uma Academia*.

A partir de então, nesse encontro, os conceitos tornam-se as próprias questões cujas respostas – não definitivas, é claro – consistem no emaranhado das linhas das narrativas com as dessa pesquisa, as quais buscaram evidenciar sua matriz relacional e a noção de corpo enquanto “sentido de uma localização, justamente de um ponto de vista, e não de um recurso, ou de um organismo no sentido fechado do termo” (Süssekind, 2014: 194), o que permite compreender a metamorfose de Gregor Samsa e a transformação de Pedro Vermelho enquanto devires que desterritorializam a animalidade e a humanidade, tornando-as novamente questões em aberto.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. “L’ouvert – De l’homme et de l’animal”. Paris: Payot & Rivages, 2002.
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis: Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DELEUZE, Gilles. “1. A literatura e a vida”. In: **A Crítica e a Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. “**Kafka: por uma literatura menor**”. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.
- _____. “Tratado de nomadologia”. In: **Mil Platôs**, vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- DESCOLA, Philippe. “**Más allá de la naturaleza y de la cultura**”. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. “**Quando as imagens tocam o real**”. Pós: Belo Horizonte, v.2, n.4, nov.2012.
- GALLO, Sílvio. “**Em torno de uma educação menor: variáveis e variações**”. 26ª Reunião Nacional da ANPEd, Goiânia, set./out. 2013.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- _____. “**O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**”, 1998
- INGOLD, Tim. **Estar Vivo – ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. **"Humanidade e Animalidade"**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 28, junho de 1995.

_____. "Knowing from the inside". In: **Making - Anthropology, archaeology, art and architecture**. Routledge, 2013.

_____. "The animality in the study of humanity". In: **What is an animal?** Editado por Tim Ingold. London: Academic Division of Unwin Hyman, 1988.

_____. **"Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais"**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 18, n. 37, jan./jun. 2012.

KAFKA, Franz. **"A metamorfose /e/ O veredicto"**; tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, coleção L&PM Pocket, 2015.

_____. "Um relatório para uma academia". In: **Essencial Franz Kafka**; seleção, introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

KOFES, Suely. "Apresentação". In: **Dilemas na Maçonaria Contemporânea: um experimento antropológico**. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2015.

LIMA, Jarbas Couto e. **"Linguística e antropologia: a linguagem como condição de cultura?"**. Dissertação (mestrado), Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Campinas, SP: 1998.

LÖWY, Michael. **"Franz Kafka: sonhador insubmisso"**. Tradução de Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

MACHADO, Wellington F. **"A condição do sujeito em Kafka"**. Revista Desenredos, ano VI, n. 20, Teresina, março de 2014.

SOUZA, Eneida Maria. **"De animais e de Literatura: Rosa, Kafka e Coetzee"**. Revista Aletria, n.3, v. 21, set.-dez., 2011.

STRATHERN, Marilyn. "Sem natureza, sem cultura: o caso Hagen". In: **O Efeito Etnográfico e Outros Ensaios**. Brasil: Cosac-Naify, 2014.

SÜSSEKIND, Felipe. **O rastro da onça: relação entre humanos e animais no Pantanal**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

SZTUTMAN, Renato. **"Natureza & Cultura, versão americanista – Um sobrevo"**. Ponto Urbe [Online], n. 4, 2009. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1468>.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **"Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio"**. Mana, n. 2, v 2, 1996

_____. "O nativo relativo". Mana, n.8, v.1, 2002.

WAGENBACH, Klaus. **"Franz Kafka: Années de jeunesse (1883-1912)"**. Mercure de France, 1958.

ÍNDICE REMISSIVO

A

América Afro-Latina 44

Anthony Giddens 14, 15, 16, 19, 21, 23

Arqueologia 44

C

Capital cultural 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81

Capitalista 73, 74, 77, 78, 79, 80

Comunidades Quilombolas 24, 38

Condições de saúde 24, 26, 27, 32, 35, 36, 37

Condições de vida 10, 24, 26, 28, 37, 39

D

Diáspora Africana 44, 45, 47, 59, 61, 62, 63, 66

Discriminação histórica 24, 37

Diversidade cultural 6, 8, 9, 10, 12, 13

E

Educação 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 26, 31, 37, 38, 73, 81, 100, 106, 119, 120

Empresários 48, 73, 78, 79

Ensino regular 1, 3, 4, 5

Escravidão 44, 46, 49, 50, 52, 53, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 68, 71

Escrita 52, 102, 110

Estudos Afro-Brasileiros 11, 44

Experiência 14, 15, 17, 18, 19, 21, 29, 54, 84, 85, 86, 90, 95, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119

H

Humanidade e animalidade 82, 83, 100, 101

I

Inclusão 1, 2, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 45, 50, 80, 120

L

Literatura 11, 45, 47, 50, 82, 83, 85, 86, 100, 101, 117, 120

M

Magia 102, 104, 110, 117

Memorialização 44, 47, 57, 59, 60, 62, 63

Modernidade 14, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 48, 107

P

Pandemia 40, 42

R

Racismo 6, 8, 9, 10, 11, 13, 49, 58, 59

Reflexividade 14, 19, 20, 21, 22, 112

T

TEA 1, 2, 3, 5

Tradição 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 61, 77, 80, 107

Transe 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116

Transtorno do espectro autista 1, 2, 3, 4, 5

ANTROPO LOGIA:

*Visão crítica da
realidade sociocultural*

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



ANTROPO LOGIA:

*Visão crítica da
realidade sociocultural*

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

